

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Programa de Iniciação Científica

Jornalismo investigativo e grandes reportagens durante os 20 anos do regime militar

Relatório final apresentado à Assessoria de Pós-graduação e Pesquisa do UniCEUB.

Professor orientador: Solano Nascimento
Aluno bolsista: Francisco Macedo
Curso: Comunicação Social – Jornalismo

Brasília, agosto de 2006

Sumário

1 – Introdução.....	3
1.1 – Tema / Problema de pesquisa.....	3
1.2 – Objetivos.....	3
1.3 – Justificativa.....	4
1.4 – Revisão bibliográfica/Fundamentação teórica.....	4
1.4.1 – Jornalismo investigativo no Brasil.....	5
1.5 – Metodologia.....	6
2 – Desenvolvimento.....	6
2.1 – História do jornalismo investigativo.....	6
2.2 – O jornalismo investigativo no Brasil durante o regime militar..	8
2.3 – Prêmio Esso.....	8
2.4 – Análise das reportagens ganhadoras do Prêmio Esso de	
Jornalismo entre 1964 e 1984.....	9
2.4.1 – Autoria das reportagens.....	9
2.4.2 – Regiões das reportagens.....	10
2.4.3 – Método de apuração.....	11
3 – Resultado da análise e interpretação dos dados.....	13
4 – Conclusões.....	15
5 – Referências bibliográficas	16

1– Introdução

1.1 – Tema/Problema de pesquisa

O processo de coerção e tolhimento de liberdade deflagrado pelo golpe militar de 31 de março de 1964 e mantido nos 20 anos de autoritarismo que se seguiram atingiu de forma drástica a prática do jornalismo no Brasil. Para muitos estudiosos, a investigação jornalística e as grandes reportagens praticamente desapareceram nesse período. No entanto, apesar das dificuldades, houve reportagens de grande qualidade que foram preparadas e publicadas nas brechas deixadas pelo regime ou à sua revelia. É sobre essas exceções que se debruça o presente estudo. Para isso, aproveitando o cinquentenário do Prêmio Esso de Jornalismo, o mais famoso prêmio jornalístico do país, foram reunidas e analisadas as reportagens vencedoras das 20 edições do prêmio ocorridas entre 1964 e 1984, durante o regime militar. Em 1966 não foi concedido o prêmio principal.

1.2 – Objetivos

A intenção primordial do estudo foi conhecer, com detalhes, grandes reportagens produzidas durante o regime militar. Para isso, foram buscados os seguintes objetivos específicos:

- a) Localizar e fazer cópias dos exemplares de jornais e revistas com as reportagens vencedoras das 20 edições do Prêmio Esso de Jornalismo;
- b) Identificar, com detalhes, nessas reportagens as principais técnicas de apuração jornalística utilizadas;
- c) Identificar e analisar os temas abordados nas reportagens vencedoras, o que permitiu observar tendências distintas de temáticas buscadas em fases específicas do regime militar;
- d) Identificar em que publicações, regiões e estados do Brasil foram publicadas as reportagens vencedoras, o que permitiu a elaboração de um “mapa” das grandes reportagens publicadas no período.

1.3 – Justificativa

A exemplo do que ocorreu em outros países submetidos a regimes autoritários, jornalistas se arriscaram entre meados da década de 60 e meados da década de 80 para tentar manter uma produção jornalística de qualidade na qual, mesmo sob ameaças e censura, pudesse ser colocada em prática a missão da imprensa de servir ao interesse público. A escassa bibliografia que traz a memória do jornalismo brasileiro muitas vezes trata o período ditatorial como uma fase em que grandes reportagens e o jornalismo investigativo quase desapareceram. Resgatar a memória dessa fase é uma tarefa muito importante para pesquisas na área da comunicação. Além disso, a revelação e a classificação da temática de reportagens que se destacaram nesse período pode ajudar a entender melhor os caminhos que jornalistas buscaram para continuar produzindo grandes reportagens sob ameaça das armas. Por fim, o estudo de técnicas jornalísticas usadas durante um regime de exceção pode permitir a jovens jornalistas o contato com importantes ferramentas de apuração de reportagens.

1.4 – Revisão da bibliografia/Fundamentação teórica

Caracterizar o que é jornalismo investigativo implica diferenciar o que este campo tem que o difere das demais reportagens. Quando o termo começou a ser utilizado, na primeira metade da década de 60, nos Estados Unidos, muitos jornalistas questionaram sua existência como área específica. “Alguns veteranos começaram a resmungar. Reportagem investigativa, eles objetavam, não passava de um termo pomposo para definir um bom trabalho de reportagem. Afinal, toda reportagem é investigativa.” (KOVACH e ROSENTIEL, 2003, p.170)

Os dois autores concordam que as raízes da reportagem investigativa estão presentes desde os primeiros jornais e se reforçaram a partir do desenvolvimento do conceito de imprensa livre e com o respaldo da Primeira Emenda da Constituição Americana, que assegura o direito à liberdade de expressão. Segundo os pesquisadores, “a reportagem investigativa cresceu e amainou ao longo da história do jornalismo, mas nunca desapareceu” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p.175). Leis estaduais e federais das décadas de 60 e 70

reforçaram essa tendência nos Estados Unidos. Kovach e Rosentiel destacam a Lei de Liberdade de Informação, de 1965, que permitiu o acesso público a muitos documentos e atividades do governo.

Apesar de não baterem o martelo no que diz respeito à “fundação” do jornalismo investigativo, Kovach e Rosentiel não só o categorizam como o subdividem em três tipos: reportagem investigativa original, reportagem investigativa interpretativa e reportagem sobre investigação. A grande diferença entre as três está na forma como a informação vem à tona. Na primeira, é o próprio repórter que descobre e documenta atividades até então desconhecidas do público. Na reportagem interpretativa a informação já é de conhecimento público, mas o trabalho do jornalista leva a melhor entendimento do que acontece. E, por fim, a reportagem sobre investigação tem origem oficial e cabe ao jornalista o acompanhamento. Os autores das descobertas e documentação são órgãos oficiais, como a Polícia e o Ministério Público.

Para Petra Maria Secanella (1986), para que um trabalho jornalístico possa ser considerado verdadeiramente jornalismo investigativo precisa ser cumprido o seguinte quesito: “Que a investigação seja o resultado do trabalho do jornalista, não a informação elaborada por outros profissionais (por exemplo, a polícia ou as assessorias de imprensa)” (SECANELLA, 1986, p.34, trad. autor). A autora diz, ainda, ser necessário que o objeto seja importante para grande parte da população e que os investigados tentem esconder os dados do público.

1.4.1 – O jornalismo investigativo no Brasil

Para Alberto Dines, só as reportagens investigativas podem tirar o jornalismo diário da posição de repassador de informações originadas nas organizações e convenientes a elas. Nilson Lage, por sua vez, caracteriza o repórter investigativo como o jornalista que busca os documentos originais. Para ele, “o jornalismo investigativo é uma forma extremada de reportagem, em que o profissional dedica tempo e esforço no levantamento de um tema pelo qual se apaixonou”. (LAGE APUD SEQUEIRA, 2003, p. 24).

Já Sequeira considera o jornalismo investigativo com uma categoria à parte na profissão por manter um processo de trabalho do profissional, métodos de pesquisa e estratégias operacionais diferentes da apuração jornalística corriqueira. O pressuposto de que “toda matéria jornalística é uma investigação” não é tão óbvio assim, segundo ela.

A verdade é que muitos dos textos estampados nas primeiras páginas dos jornais chegam prontos às redações, no formato *press-release*, produzidos por assessorias de imprensa ou secretarias de comunicação social de órgãos públicos e privados. Nesse caso, “o jornalismo é ‘praticado’ sem nenhuma investigação, pelo menos por parte da equipe de reportagem que os publicou”. (SEQUEIRA, 2003, p. 16).

Quando o assunto é jornalismo investigativo no Brasil, Sequeira (2005) conclui que, apesar de presente, o jornalismo investigativo tem sido praticamente ignorado nos principais estudos sobre a prática jornalística no país. Dos autores pesquisados por ela, apenas Alberto Dines e Nilson Lage enfocaram o jornalismo investigativo em suas análises.

1.5 – Metodologia

O estudo adota técnicas de pesquisa documental para localizar e identificar as 20 reportagens vencedoras da categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo no período analisado. Para isso, foram visitados arquivos de jornais e bibliotecas. Após a reunião do material, técnicas de análise de conteúdo, mais especificamente no que se refere à categorização (BARDIN, 1995), foram usadas para a criação de categorias que permitam a identificação das técnicas de apuração utilizadas nas reportagens.

2 – Desenvolvimento

2.1 – História do jornalismo investigativo

Apesar de não ser possível identificar o dia de fundação do jornalismo investigativo, Bill Kovach e Tom Rosentiel (2003) consideram 1964 como ano

decisivo para o reconhecimento formal pela imprensa escrita da categoria reportagem investigativa. Naquele ano, uma série de matérias sobre corrupção na polícia local publicada pelo *Philadelphia Bulletin* rendeu o prêmio Pulitzer de jornalismo ao veículo.

A nova categoria do Prêmio Pulitzer era denominada Reportagem Investigativa. Executivos dos jornais de todo o país que administravam o Pulitzer sob auspícios da Universidade de Columbia haviam criado essa nova categoria para substituir uma antiga, a chamada Reportagem Local. Davam assim maior ênfase ao papel da imprensa como um setor ativo, reformista, denunciador. (KOVACH E ROSENTIEL, 2003, p. 169).

O golpe definitivo naqueles que ainda não enxergavam a reportagem investigativa como uma categoria jornalística e, portanto, sem peculiaridades que a distinguisse das demais reportagens, veio em 1972 com o caso Watergate. O trabalho jornalístico de Bob Woodward e Carl Bernstein para o *Washington Post* mostrou que não havia como ignorar mais a importância do jornalismo investigativo. Afinal, não é todo dia que o resultado de apurações de repórteres derruba um presidente norte-americano. “A reportagem investigativa de repente ficava famosa, redefinindo a imagem da profissão repórter, a ela atribuindo até um certo *sex appeal*.” (KOVACH E ROSENTIEL, 2003, p. 170).

De qualquer maneira, apesar de ter sido reconhecido como categoria independente somente na segunda metade do século XX, sinais da reportagem investigativa aparecem desde os primeiros jornais. Para os pesquisadores, a partir do entendimento do sentido de imprensa livre e liberdade de expressão é que se caracteriza um dos papéis fundamentais do jornalista como monitor independente do poder.

Quando os primeiros jornais saíram dos cafés na Inglaterra, no século 17, eles consideravam exercer uma função investigativa. O *The Parliament Scout*, que começou a ser publicado em 1643, “propôs uma coisa nova no jornalismo – a necessidade de fazer um esforço para procurar e descobrir as notícias”. No ano seguinte, outra publicação, *The Spie*, prometia a seus leitores que planejava “descobrir as trapaças de sempre nas grandes jogadas deste Reino. Para tanto, temos de fazer um trabalho oculto.” (KOVACH E ROSENTIEL, 2003, p. 171).

2.2 – O jornalismo investigativo no Brasil durante o regime militar

Dines afirma que o regime autoritário pós-1964 é culpado por trazer a imprensa nacional para a chamada era da nota oficial. De acordo com ele, “esta comunicação às avessas vai levar as fontes de informação a se fecharem, ao invés de se abrirem ao trabalho individual de cada repórter, deixando apenas um guichê por onde são liberadas as informações que lhes convêm. Com isso, o repórter acomoda-se, deixando de investigar, e o jornalismo brasileiro passa a viver de eventos e levantamentos”. (DINES APUD SEQUEIRA, 2003, p. 23). Como se verá abaixo, há uma série de exceções que conseguem manter a qualidade do jornalismo brasileiro mesmo durante o governo dos militares.

2.3 – Prêmio Esso

O Prêmio Esso de Jornalismo completou 50 anos em 2006. Nesse meio século de existência, mais de 20 mil trabalhos jornalísticos concorreram a alguma das categorias da premiação. O primeiro veículo vencedor foi a revista *O Cruzeiro*. A reportagem “Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara” contava para o Brasil a aventura que milhares de nordestinos enfrentavam para fugir da seca. Os repórteres Mário de Moraes e Ubiratan de Lemos relatam na matéria os 11 dias que passaram na estrada junto com 102 retirantes de Salgueiro (Pernambuco) à Duque de Caxias (Rio de Janeiro).

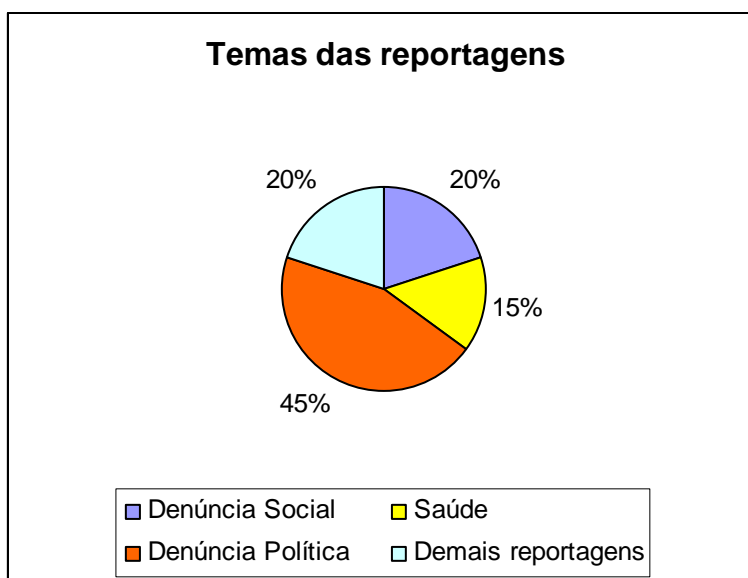
De lá para cá, foram premiadas diversas reportagens que, de acordo com as comissões avaliadoras, atenderam ao papel fundamental dos jornalistas de trabalhar com responsabilidade social. Além do prêmio principal, são reconhecidos os melhores trabalhos em telejornalismo, fotografia, formação científica, tecnologia e ecologia. Há ainda o Prêmio Esso Especial de Primeira Página e o Prêmio Esso de Melhor Contribuição ao Telejornalismo.

O "Prêmio Esso de Jornalismo", nome do programa, é concedido ao melhor trabalho publicado na Imprensa anualmente, segundo a avaliação de Comissões de Julgamento integradas exclusivamente por profissionais de comunicação. Outras 13 categorias recebem prêmios específicos para trabalhos em jornais e revistas. E pelo 5º ano consecutivo, está sendo concedido o "Prêmio Esso de

Telejornalismo", destinado ao melhor trabalho jornalístico de televisão. (www.premioesso.com.br).

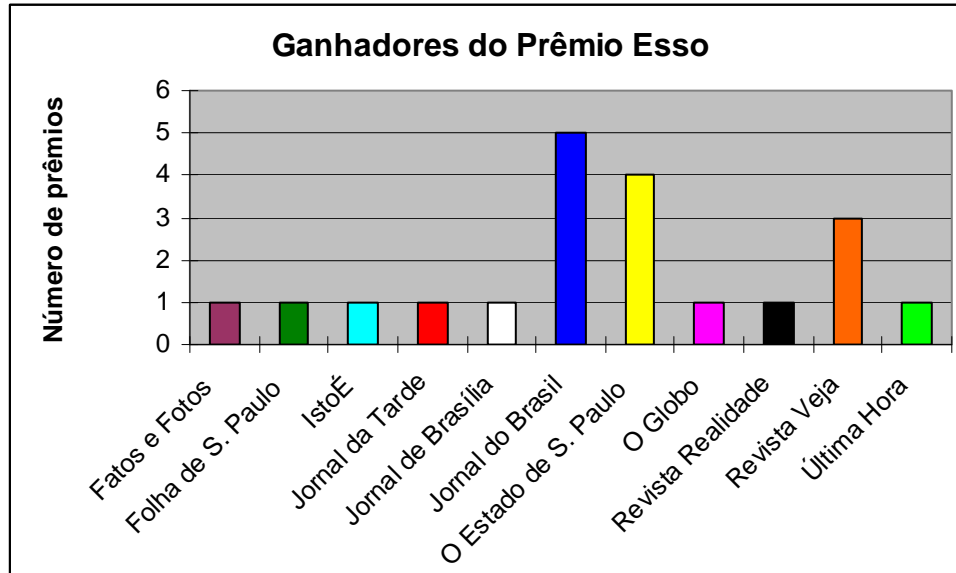
2.4 – Análise das reportagens ganhadoras do Prêmio Esso de Jornalismo entre 1964 e 1984

Durante o regime militar, o Prêmio Esso teve 20 edições, já que em 1966 o prêmio principal não foi concedido. O tema mais abordado foi política. Ele apareceu em nove reportagens. Destaque para a matéria *Assim vivem nossos superfuncionários*, da equipe de *O Estado de S. Paulo*. A matéria foi a ganhadora da edição de 1976 da premiação e relata as mordomias que funcionários públicos de Brasília recebiam às custas do governo em pleno regime militar.



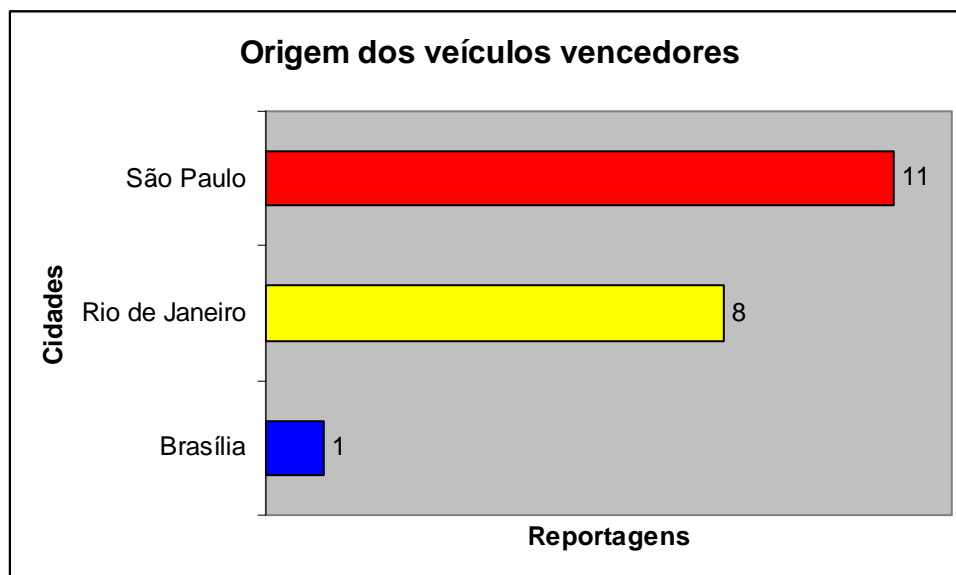
2.4.1 – Autoria das reportagens

Das 20 reportagens premiadas, 11 foram feitas individualmente e nove em equipe. Destaque para o *Jornal do Brasil*, ganhador da categoria principal do Prêmio Esso por cinco vezes durante o período. A surpresa é a presença do *Jornal de Brasília*. O veículo recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo de 1980 pela reportagem *Dossiê Nuclear*, de Jorge Oliveira.



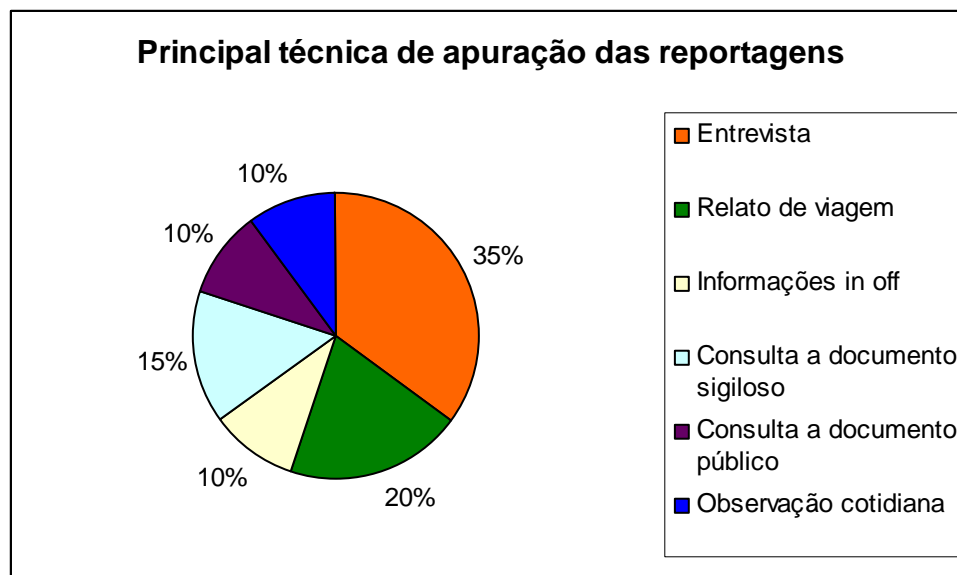
2.4.2 – Regiões das reportagens

Os veículos ganhadores se resumem quase exclusivamente aos jornais e revistas do eixo Rio-São Paulo. Foram 11 ganhadores de São Paulo, oito do Rio de Janeiro e um de Brasília.



2.4.3 – Método de apuração

A pesquisa procurou identificar também a técnica fundamental de apuração utilizada pelos jornalistas vencedores em cada uma das 20 reportagens premiadas no período, como se pode observar no gráfico abaixo.



A entrevista, princípio básico e constante na rotina das redações, mostrou-se decisiva para o desenvolvimento da reportagem na maioria dos casos. Ao todo, foram sete reportagens vencedoras em que o principal recurso de apuração foi essa técnica. Em *Cabo Anselmo conta tudo*, publicada na revista *IstoÉ* e ganhadora do Prêmio Esso de Jornalismo de 1984, o jornalista Octávio Ribeiro apresenta para o Brasil a história de José Anselmo Santos. Ele foi espião do governo infiltrado nos movimentos armados de esquerda do país e peça fundamental para a desarticulação dos principais grupos armados resistentes ao regime militar. Consta no livro *50 anos do Prêmio Esso – Uma história feita por vencedores* (2006) um pouco do *making-off* desta entrevista.

Escondido em um país “próximo ao Brasil”, o ex-marinheiro foi encontrado pelo repórter Octávio Ribeiro por acaso, graças à indiscrição de um estelionatário que fora operado pelo mesmo cirurgião plástico de Anselmo. Após dias de negociação, Octávio finalmente conseguiu convencer o espião a conceder uma entrevista. Para o jornalista, foi como viver a experiência do

“garimpeiro que encontrou uma pepita em Serra Pelada”. (BELOCH E FAGUNDES, 2006, p. 98).

Em dois casos específicos, o acesso a informações mantidas em *off* foi ponto-chave para o andamento da apuração. A série de reportagens *Assim vivem os nossos superfuncionários*, apurada por uma equipe de 40 jornalistas de O *Estado de S. Paulo*, é um exemplo. Informações conseguidas em *off* permitiram aos repórteres envolvidos na apuração relatarem as inúmeras mordomias de funcionários públicos da capital federal bancadas pelos cofres do governo.

Os recursos para financiar essa gastança vinham das chamadas verbas de representação ou mordomia, um benefício concedido inicialmente apenas ao Presidente da República, mas que àquela altura servia a funcionários muito abaixo na hierarquia – uma fonte não-identificada apontava que assessores da secretaria geral de um determinado ministério (um cargo de terceiro escalão) tinham do papel higiênico ao whisky de suas casas, além das próprias, pagos pelo governo. (BELOCH E FAGUNDES, 2006, p. 74).

A apuração que desencadeou a série *O seqüestro dos uruguaios* também começou a partir de informações recebidas em *off*. Um telefonema anônimo feito à sucursal gaúcha da revista *Veja* levou o repórter Luiz Cláudio Cunha a uma família de refugiados políticos uruguaios mantidos em cativeiro pela polícia brasileira em Porto Alegre-RS. A série de reportagens sobre o caso venceu o Esso de 1979.

No dia 17 de novembro de 1978, o jornalista Luiz Cláudio Cunha, chefe da sucursal da revista *Veja* em Porto Alegre, e o fotógrafo João Batista Scalco dirigiram-se a um modesto bairro da capital gaúcha para checar uma denúncia, feita por um telefonema anônimo, de que cidadãos uruguaios eram mantidos presos no interior de um pequeno apartamento. (BELOCH E FAGUNDES, 2006, p. 84).

Destacam-se também os trabalhos jornalísticos premiados que ganharam corpo a partir de relatos de viagens dos repórteres vencedores: quatro ao todo. *Cem dias na Amazônia de ninguém* ilustra bem o que é a categoria Relatos de viagem. A reportagem venceu a primeira edição do Prêmio Esso depois do golpe de 1964. Walter Firmo ganhou as páginas do Jornal de Brasil ao apresentar ao Centro-Sul brasileiro a esquecida região amazônica.

Outras duas matérias premiadas no período tiveram como técnica principal de apuração a consulta a documentos públicos e três se sustentaram devido ao acesso prévio do jornalista a documentos de caráter sigiloso. Vale citar a reportagem ganhadora do Esso de 1983. *O Caso Baumgarten*, publicado em *Veja* é resultado de um detalhado trabalho dos repórteres Francisco Vargas, Bella Stall, Norma Couri e Leda Beck. Eles tiveram acesso a um dossiê confidencial que mostrava que a morte do jornalista Alexandre Von Baumgarten (ligado aos órgãos de segurança do governo) foi encomendada por razões políticas e não consequência de um afogamento accidental como fora noticiado.

As matérias mais difíceis de categorizar foram as vencedoras de 1970 e de 1982. São elas a reportagem de Carlos Chagas publicada em *O Globo*, de título *113 dias de angústia – impedimento e morte de um presidente*, e a de Luiz Fernando Emediato, de nome *A geração abandonada*, publicada em *O Estado de S. Paulo*.

A primeira trata-se de um relato detalhado sobre os últimos meses de vida e de governo do presidente Costa e Silva. A reportagem tem como base os registros diários feitos pelo próprio jornalista. Na época dos escritos, Chagas era secretário de Imprensa da Presidência da República. A segunda é fruto de uma profunda incursão do repórter Luiz Fernando Emediato no dia-a-dia de grupos de adolescentes usuários de drogas, no início da década de 1980, em São Paulo. Emediato chegou a experimentar algumas drogas e de transitar pelos guetos freqüentados por esses jovens (2006, p. 92).

Apesar de as reportagens tratarem de assuntos bastante distintos, elas têm em comum o fato de a apuração de ambas depender do contato rotineiro do jornalista com o objeto da pauta. Por essa proximidade, para fins de pesquisa, as reportagens integram a categoria Observação Cotidiana.

3 – Resultado da análise e interpretação dos dados

Os dados das tabelas anteriores permitem algumas conclusões a respeito da produção de grandes reportagens durante o regime militar. A principal delas é que, ao contrário do que poderia mostrar uma análise simplista que levasse em

conta apenas a censura que marcou o período autoritário, a maioria das reportagens destacadas pelo mais importante prêmio de jornalismo do país trata justamente de denúncias e, em grande parte, de denúncias na área política. Revelações de irregularidades na área social também ocuparam grande parte da atenção de jornalistas brasileiros.

As conclusões também dão respaldo científico a uma avaliação de estudiosos: durante o regime militar, os jornais se sobressaíram mais que as revistas na publicação de reportagens investigativas, tendência que mudaria nas décadas posteriores. Da mesma forma, os dados colhidos a partir dos vencedores do Prêmio Esso também endossam opiniões a respeito do grande destaque das publicações *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *O Estado de S. Paulo* como veículos que enfrentaram a ditadura em suas páginas.

Os métodos de apuração utilizados nas reportagens vencedoras corroboram o que foi levantado a respeito dos temas: a censura e as restrições do período não impediram que fossem feitas grandes reportagens de jornalismo investigativo e que essas fossem premiadas. Não é raro perceber nas matérias desse período o que Kovach e Rosentiel (2003) definiram como Reportagem Investigativa Original, tanto na relevância do tema para a sociedade, como nas técnicas de apuração escolhidas.

Este tipo de reportagem envolve os próprios repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público. É um tipo de reportagem que quase sempre acaba em investigação públicas oficiais sobre o assunto ou a atividade denunciada, um exemplo clássico da imprensa pressionado as instituições em nome do público. Pode usar táticas similares ao trabalho policial, como sair em busca de informação, consultas a documentos públicos, uso de informantes e até, em circunstância especiais, trabalho secreto ou monitoração sub-reptícia de atividades. (KOVACH E ROSENTIEL, 2003, p. 176).

Exemplo dessa continuidade do jornalismo investigativo de serviço ao cidadão é a reportagem vencedora do Prêmio Esso de 1977: *O assassinio de Cláudia Lessin Rodrigues*, publicado em *Veja*. O trabalho realizado pelos jornalistas Valério Meinel e Amicucci Gallo durante a apuração do caso mudou o

rumo das investigações da polícia e apresentou-se fundamental para a elucidação do crime.

De acordo com informações colhidas no livro comemorativo dos 50 anos do Prêmio Esso, as primeiras investigações sobre o crime envolviam seriamente entre os suspeitos Michael Frank, filho de um milionário empresário carioca. Repentinamente, a polícia mudou de postura e o caso encaminhava-se para o arquivamento. Os investigadores alegavam ausência de provas quando os repórteres conseguiram o depoimento do médico patologista Domingos de Paola. A declaração do médico fez que fossem retomadas as investigações, que confirmaram Frank como um dos responsáveis pela morte de Cláudia (BELOCH E FAGUNDES, 2006, p. 78).

4 – Conclusões

Os levantamentos feitos nesta pesquisa mostram que este tipo de estudo é necessário em parte para dar respaldo científico a algumas crenças difundidas entre estudiosos da comunicação e em parte para apontar alguns equívocos na análise de críticos da mídia, que, como se viu anteriormente, consideram o regime militar uma espécie de período infértil da produção jornalística brasileira.

Bem de acordo com os objetivos da pesquisa, a análise das reportagens vencedoras do Prêmio Esso mostra uma produção jornalística forte e de qualidade, que em alguns momentos se opôs à censura e à perseguição do regime autoritário.

O cruzamento dos dados sobre os temas das reportagens com os levantados sobre os principais métodos utilizados nas apurações permitiu à pesquisa conclusões relevantes sobre o jornalismo investigativo praticado no Brasil durante o regime. Apesar da atuação da censura, pode-se concluir que as matérias ganhadoras do Prêmio Esso entre 1964 e 1984 mantiveram o princípio básico da reportagem investigativa apresentado por Kovach e Rosentiel: “Os jornalistas devem ser como um monitor independente do poder” (2003, p. 171).

5 – Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 7 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BELOCH, Israel e FAGUNDES, Laura Reis (ORG). *Uma história escrita por vencedores - 50 anos do Prêmio Esso de jornalismo*. Rio de Janeiro: Memória Brasil, 2006.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 6. ed. São Paulo: Summus, 1996. 159 p.
- KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo*. Tradução de São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- MIRANDA, Guilherme. (Org.) *Prêmio Esso: 40 anos do melhor em jornalismo*. Rio de Janeiro: Memória: Relume Dumará, 1995.
- SECANELLA, Petra M. *Periodismo de investigación*. Madri: Editorial Tecnos, 1986.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus, 2005.
- SOUSA, Jorge Pedro de. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Minerva, 2000.
- TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa, 1999.
- WAISBORD, Silvio. *Watchdog Journalism in South America*. New York: Columbia University Press, 2000.

Introdução à história do Prêmio Esso de reportagem:

<http://www.premioesso.com.br>